

Um ano com muitos desafios para os investidores

EM 2013, O MERCADO FINANCEIRO SOFREU IMPACTO DA CONJUNTURA INTERNACIONAL, MAS TAMBÉM OFERECERAM OPORTUNIDADES PARA QUEM VISA AO LONGO PRAZO

O ano de 2013 trouxe desafios tanto para pequenos e médios aplicadores como para os investidores institucionais, como os fundos fechados de previdência complementar, que, segundo dados Associação Brasileira das Entidades Fechadas de Previdência Complementar (ABRAPP), administram mais de R\$ 600 bilhões destinados ao pagamento de aposentadoria e pensões de milhares de trabalhadores.

Para ter uma ideia, a taxa básica de juros (Selic), em janeiro, era 7,25% e está chegando ao fim do ano em 9,50%, ou seja, próxima a um patamar de dois dígitos. O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), que mede a inflação, no acumulado em 12 meses (base março) chegou a superar o teto da meta de inflação de 6,5%, quando atingiu 6,59%. Por isso, o Comitê de Política Monetária do Banco Central do Brasil (Copom) iniciou um ciclo de alta dos juros em abril de 2013, ao que tudo indica, ainda não encerrado.

A atividade econômica do país, questão muito importante para pequenos e grandes investidores, também foi um fator crítico, pois o crescimento da economia brasileira desapontou: a média das expectativas do mercado divulgada pelo Banco Central mostra que, no início do ano, era esperada uma expansão de 3,4% do PIB em 2013, e, atualmente, a expectativa é de que o PIB cresça 2,5%.

Além desses fatores, houve uma piora na percepção do risco Brasil. Uma das mais importantes agências de classificação de risco, a Standard & Poor's, anunciou, em junho, a mudança na perspectiva de classificação do Brasil de neutra para negativa. Na prática, isso significa que há questões de natureza macroeconômica que, caso não sejam devidamente tratadas poderão tornar o Brasil mais arriscado para os investidores em comparação a outros países.

Como se não bastasse, o cenário econômico internacional mostrou-se desafiador e impactou as aplicações financeiras até mesmo de quem só investe no Brasil. A redução do ritmo de crescimento da economia chinesa e a elevação das taxas de juros dos títulos americanos de longo prazo, estão entre

os fatores que tiveram maior repercussão sobre o desempenho dos ativos no mercado brasileiro.

Todos esses fatores macroeconômicos tiveram impactos diversos sobre os mercados e sobre a rentabilidade dos recursos investidos. A elevação da taxa de juros impactou negativamente a rentabilidade de algumas aplicações em Renda Fixa, como os títulos públicos, porque esses papéis são negociados em mercado e o seu preço cai quando as taxas sobem. Refletindo esse cenário, os fundos de investimento em Renda Fixa, na média, tiveram desempenho negativo em alguns meses, o que surpreendeu muitos investidores pessoa física.

Esse efeito se aplica apenas aos investidores que já tinham dinheiro aplicado, pois o efeito é apenas contábil. "Se o investidor não resgatar os recursos aplicados, a perda não é efetiva", explica Eduardo Henrique Garcia, Diretor de Investimentos da Real Grandeza, fundo de pensão dos funcionários de Furnas e Eletronuclear, com patrimônio em torno de R\$ 12 bilhões e que ocupa o nono lugar no ranking dos maiores do setor.

O cenário econômico teve impacto tanto nas aplicações de Renda Fixa como nas de Renda Variável. Ao longo de 2013, o índice Bovespa, que reflete o desempenho das ações negociadas na bolsa de valores, chegou a apresentar perda acumulada de 26% e, até a 1ª quinzena de novembro, acumulava variação negativa de 14%. Reflexo de uma combinação de fatores, dentre os quais a piora da percepção do risco Brasil, a redução da intensidade do crescimento econômico da China, a frustração dos investidores com o crescimento da economia e a perspectiva de mudança na política monetária dos EUA.

Para Eduardo Garcia, também em cenários como esse há oportunidades a serem aproveitadas como a compra de ações de empresas com bons fundamentos a preços mais baixos. Porém, ele alerta que isso exige análise cautelosa, que requer grande conhecimento técnico e cuja finalidade é gerar uma rentabilidade superior aos índices de mercado.

VARIAÇÃO DA SELIC



Fonte: Banco Central do Brasil

RENTABILIDADE MÉDIA DOS FUNDOS DE RENDA FIXA



IPCA ACUMULADO EM 12 MESES



Investimento responsável: mais retorno a longo prazo

Qualquer investidor sabe a importância de gerenciar riscos, inclusive aqueles que nem sempre são aparentes, como os relacionados às questões socioambientais. A questão é tão importante que a Real Grandeza, fundo de pensão dos funcionários de Furnas e Eletronuclear, inovou incorporando ao processo de seleção e análise de investimentos a avaliação dos critérios socioambientais.

Para tanto, elaborou manual inédito com critérios rígidos nesse sentido, o que automaticamente exclui de sua carteira de ativos papéis de empresas ligadas à produção de armas, bebidas alcoólicas, fumo, jogo e pornografia, por exemplo. Além, naturalmente, das que utilizam em sua cadeia produtiva trabalho infantil e/ou escravo. "Acreditamos que os investimentos que se utilizam de

práticas sustentáveis em seus modelos de negócios aumentam a produtividade, a eficiência e diminuem o risco, o que acaba sendo refletido nos resultados financeiros no longo prazo", explica o diretor de Investimentos do fundo, Eduardo Garcia.

Segundo ele, a prática de investimento socialmente responsável deve ser seguida mesmo por pequenos e médios investidores, que podem orientar suas aplicações com base nesses critérios e cita como o exemplo o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE), índice específico de ações de empresas comprometidas com a sustentabilidade, e os fundos de índices, conhecidos mundialmente como ETFs (Exchange Traded Funds) de ações de empresas com foco nas questões de sustentabilidade.